

VI JORNADA NACIONAL DO HISTEDBR

A PROPOSTA EDUCACIONAL ANARQUISTA NO BRASIL (1900-1920)

Angela Maria Souza Martins

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Introdução

A discussão sobre os caminhos pedagógicos que a educação brasileira deveria seguir adensa principalmente a partir do início do século XX. Diferentes autores, entre eles Ghiraldelli, mostram que as lutas político-pedagógicas na Primeira República expressavam três correntes pedagógicas: Pedagogia Tradicional, Pedagogia Nova e Pedagogia Libertária. A Pedagogia Tradicional estava representada essencialmente por duas correntes: a pedagogia jesuítica e a teoria de Herbart. A Pedagogia Nova, cuja maior influência vinha de John Dewey e a Pedagogia Libertária, baseada em Francisco Ferrer y Guardia. A proposta pedagógica de Ferrer y Guardia deu origem as Escolas Modernas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Porto Alegre e em Belém do Pará. Nas primeiras décadas do século XX, instaura-se o embate entre as propostas pedagógicas tradicional e libertária. Nesse momento, acentua-se o debate sobre o papel social e político da escola. De acordo com Penteado, é na escola "que reside o segredo da força mantenedora dos preconceitos patrióticos, das convenções sociais, das superstições e dos dogmas religiosos" (PENTEADO, 1914, p. 8). Assim, tanto o Estado como a Igreja preocupavam-se em manter a hegemonia da educação, com o objetivo de controlar a instrução do povo e formar mentalidades. Então, era necessário implantar no Brasil uma nova proposta pedagógica que impedisse a manipulação da consciência das classes populares, ou seja, que impossibilitasse a subordinação intelectual. Mas como se poderia impedir a subordinação intelectual? Que tipo de proposta pedagógica possibilitaria o crescimento de uma nova consciência?

No início do século XX, houve um intenso fluxo de imigração italiana e espanhola, estes imigrantes trouxeram para o movimento sindicalista brasileiro o ideário anarquista. Foram criados diversos jornais para divulgar as idéias anarquistas. Segundo Luizetto (1982, p. 62), "o rumo tomado pelo movimento anarquista na Europa não poderia deixar de imprimir sua marca na comunidade dos socialistas libertários no Brasil, formada

exatamente naquela ocasião. De fato, inspirados nas idéias e nas experiências dos educadores libertários, criaram em várias cidades 'Escolas Modernas' e 'Centros de Estudos Sociais' para a prática do ensino mútuo". De acordo com os anarquistas, somente uma proposta educacional fundamentada na razão e na liberdade poderia criar uma nova mentalidade. Nesse sentido, acreditamos ser pertinente analisar os princípios da proposta anarquista de educação e como ela se instaurou no Brasil. A educação anarquista brasileira inspirou-se em Francisco Ferrer y Guardia, por isso refletiremos inicialmente sobre essa proposta educacional e depois analisaremos sua repercussão no contexto educacional brasileiro.

A proposta educacional de Francisco Ferrer y Guardia

Francisco Ferrer y Guardia nasceu em Barcelona em 1859 e faleceu em 1909, oriundo de uma família de camponeses católicos. A formação católica o fez questionar os dogmas dessa formação, principalmente a partir do momento que, como operário de uma fábrica de tecidos em Barcelona, entra em contato com as idéias anarquistas. A partir de então, começa a militar no movimento republicano e anticlerical e participou, em 1886, de uma manifestação contra a monarquia; o engajamento nesta manifestação o levou ao exílio em Paris, onde conviveu com o movimento anarquista.

Em Paris, se filia a Maçonaria e começa a ministrar aulas de espanhol, o que lhe despertou a reflexão sobre as questões pedagógicas. Começou pesquisando diferentes propostas renovadoras de educação e uma de suas principais preocupações era a libertação da humanidade, o que o levou a acreditar na possibilidade de criar um caminho pedagógico que pudesse promover a educação racional, desvinculada de qualquer credo religioso.

No final do século XIX, havia um forte movimento na Europa no sentido de criar escolas laicas. Em Madri, desde de 1888, havia um núcleo de ensino livre, denominado "Sociedade dos Amigos do Progresso", cuja finalidade era: "a criação e a proteção das escolas laicas para ambos os sexos, com todas as classes e graus de ensino indispensáveis" (Diaz, 1914, p.23). Em 1889, houve na Espanha o Congresso Internacional do Livre Pensamento, onde compareceram mais de sessenta sociedades e coletividades de livres

pensadores que defenderam o ensino laico. É interessante constatar que na Espanha, no final do século XIX, socialistas, anarquistas, livres pensadores e cooperativistas reuniram recursos num fundo comum e formaram um Comitê para fundar escolas laicas.

Inserido nessa luta, Ferrer y Guardia, em 1901, cria a Escola Moderna. Nesta escola, ele pretendia cumprir dois objetivos: a) possibilitar às crianças uma educação que as libertasse “de todas as tradições do passado, dos preconceitos de raça e de classes, de religião e do militarismo” (Diaz, 1914, p.26); b) desenvolver o racionalismo. A escola possuía uma biblioteca e uma tipografia, que editava manuais e livros pedagógicos, tais como: A evolução superorgânica, do Professor Llura; A História Natural, em dois volumes, de Odon de Buen; A história Universal, em três volumes, de Madame Jacquet e o Resumo da História da Espanha, de Estévanez. É importante destacar que todo o material pedagógico utilizado na escola era editado em sua tipografia.

A escola era mista, laica e o ensino baseava-se numa concepção pedagógica racional, ou seja, respaldada por métodos pedagógicos modernos e científicos, que usa a razão como meio e a ciência como guia. Ferrer y Guardia pretendia que “as verdades da ciência (brilhassem) com seu próprio brilho e (iluminassem) cada inteligência, por tal modo que, postas em prática, (pudessem) trazer a felicidade ao gênero humano, sem a exclusão de ninguém, por odiosos privilégios” (Ferrer y Guardia apud Diaz, 1914, p.27).

Questionava de modo contundente a educação fornecida pelas escolas e pela família, assim como sua base religiosa porque

“o indivíduo formado na família com seus desenfreados atavismos, com os erros tradicionais perpetuados pela ignorância das mães e, na escola, com algo pior que o erro, que é a mentira sacramental imposta pelos que dogmatizam em nome de uma suposta revelação divina, ingressa deformado e degenerado na sociedade, e não se pode exigir dele, por uma lógica relação entre causa e efeito, senão resultados irracionais e perniciosos” (Ferrer y Guardia, 1912, p.45).

Além disso, Ferrer y Guardia buscava meios para implantar uma proposta pedagógica que pudesse aplicar novas experiências, que libertasse o indivíduo, por isso preferia “a espontaneidade livre de uma criança que nada sabe, a instrução de palavras e a deformação intelectual da criança que sofreu a educação” ministrada pelas escolas tradicionais (Ferrer y Guardia, 1908, p.3).

Essa escola torna-se um foco de cultura popular, na verdade ela foi criada para ser uma espécie de centro de cultura independente e livre, tanto que aos domingos, era transformada em Universidade Popular e todos podiam freqüentá-la. O sucesso da Escola Moderna foi muito grande, por isso ultrapassou todas as expectativas. Em 1908, haviam dez Escolas Modernas em Barcelona e também em Madri, Sevilha, Granada, Cádiz e outros países como Brasil, Portugal, Suíça e Holanda. Em 1906, Ferrer y Guardia passou a coordenar todas as escolas laicas da Espanha, implementando novos compêndios e mudando os métodos de ensino.

Ferrer y Guardia tinha consciência que, no século XX, o capitalismo passava por uma nova etapa, na qual a escola era um instrumento doutrinador imprescindível, ou seja, a educação era necessária para o desenvolvimento desse modo de produção; ao analisar o processo de expansão da escola, nos revela:

“Viu-se depois, produzirem-se lutas temíveis pela conquista da escola. Em todos os países continuam essas lutas encarniçadas; aqui triunfa a sociedade burguesa e republicana, acolá vence o clericalismo. Todos os partidos conhecem a importância do objetivo e não retrocedem ante nenhum sacrifício para assegurar vitória. Seu grito comum é - *Pela escola e para a escola*” (Ferrer y Guardia, 1908, p. 2)

Por isso, o movimento libertário não podia prescindir da educação como processo instaurador de novas mentalidades. Nesse sentido, os libertários deveriam tratar a educação como um instrumento de emancipação e propagação de suas idéias. Era necessário combater o conservadorismo da educação oficial, que servia como um instrumento poderoso de subjugação, que habituava as crianças a obedecer a regras sociais impostas pelo capitalismo e a crer nos dogmas religiosos, ou seja, uma educação que adestrava a criança. Para Ferrer y Guardia, a educação deve ser uma força a serviço da transformação, ele acreditava que podia lutar pela ampla emancipação da criança e da humanidade por meio da ciência (Ferrer y Guardia, 1908).

A educação deveria formar:

“homens capazes de evoluir sinceramente; capazes de destruir, de renovar constantemente o meio e se renovarem a si próprios; homens, cuja independência intelectual seja a força suprema, que não se sujeitem a nada; dispostos sempre aceitar o melhor, ditosos pelo triunfar das idéias novas” (Ferrer y Guardia apud Diaz, 1914, p. 63)

Pautada nessa visão, a proposta pedagógica da Escola Moderna deveria respeitar: a liberdade da criança; sua espontaneidade; as características de sua personalidade; sua independência e seu espírito crítico. Por isso, não cultivava a competição, a coação, a avaliação destruidora, que classifica as crianças como excelente, regular e deficiente, rejeita a questão da incapacidade e do fracasso. Trabalhava tanto com as atividades intelectuais quanto com as físicas e manuais. Esta escola praticava a coedução, pois acreditava que meninos e meninas deveriam ter a mesma educação, porque:

“a humanidade feminina e masculina viverão na intimidade, levando a mulher a ser, na vida privada e na vida social, a companheira do homem no trabalho humano, que tem por fim o melhoramento e a felicidade da espécie...Mas para que a companheira do homem, com sua influência moral produza frutos sãos e benéficos há de os conhecimentos que se lhes derem em quantidade e qualidade ser os mesmos que ao homem proporcionam” (Programa do Ensino Científico e Racional da Escola Moderna 1902-1903, apud Diaz, 1914, p. 53)

A experiência pedagógica da Escola Moderna foi interrompida em 1906, com a prisão de Ferrer y Guardia, a escola foi fechada e seus livros destruídos; mesmo com sua absolvição não permitiram a reabertura da escola. Mas ele continuou o trabalho de divulgação de suas idéias, propôs a criação: da Liga Internacional para a Educação Racional da Infância, de uma Escola Normal, de uma Biblioteca da Escola Moderna e de um Museu Pedagógico, assim como editou, em Bruxelas, em 1908, uma revista internacional, denominada L'École Rénovée, que discutia temas sobre a renovação das propostas pedagógicas das escolas. Essa revista tinha os seguintes colaboradores: Kropotkin, Robin, Domela Nieuwenhuis, Ellen Key, Willian Heaford, entre outros.

Mas em 1909, período muito conturbado na Catalunha, Ferrer y Guardia novamente é preso, julgado e condenado à morte, este ato causa uma grande comoção entre todos aqueles que defendiam a pedagogia libertária. As idéias pedagógicas de Ferrer y Guardia correram mundo e chegaram ao Brasil, onde exerceu uma forte influência no projeto pedagógico que instalou as Escolas Modernas, no início do século XX. Sua proposta educacional, baseada em novos métodos de ensino, que propunham o respeito à liberdade, à individualidade, à expressão da criança foi a base do fazer pedagógico das escolas anarquistas brasileiras.

A proposta educacional anarquista no Brasil entre 1900 e 1920

A educação anarquista chega ao Brasil, como uma das estratégias no interior de várias ações político-culturais tais como: jornais, centros culturais, panfletagem, greves, ou seja, um conjunto de atividades e ações diretas que visavam à transformação da sociedade na qual viviam os operários. Os anarco-sindicalistas sabiam que o Estado capitalista criava, por meio de vários mecanismos, a subordinação intelectual, tal como Gramsci a entende. Subordinação intelectual é um conceito desenvolvido por Gramsci para mostrar como se efetiva a dimensão ideológica da dominação de classe na sociedade capitalista. De acordo com pensamento gramsciano, a dominação do capital sobre o trabalho, não se efetiva apenas pela dominação econômica, mas também pela dominação ideológica, esta se realiza a partir do consenso social, ou seja, da aceitação pela maioria da população, da direção que a classe dominante dá à sociedade. Os anarquistas perceberam que as escolas estatais e confessionais eram instituições importantes para consolidar esse processo de dominação.

Então, para enfrentar o processo de dominação era necessário criar instituições escolares que desenvolvessem uma proposta que possibilitasse a formação de uma nova mentalidade. Na verdade, era preciso instaurar uma visão de mundo baseada em valores tais como: solidariedade, cooperação, igualdade e liberdade. Com essa intenção criaram, no Brasil, suas escolas, que apesar de modestas, poderiam começar um processo de combate a visão subalterna de mundo e proporcionar uma visão de mundo racional e crítica para desenvolver uma sociedade libertária.

No Brasil, a implantação da proposta pedagógica de inspiração libertária, organizada de acordo com os princípios da Escola Moderna de Ferrer y Guardia, foi significativa para a educação dos trabalhadores brasileiros porque, no início do século XX, a maior parte da população era analfabeta e haviam poucas propostas educacionais que se preocupavam com a educação efetiva do povo.

A primeira Escola Moderna criada em maio de 1912, em São Paulo, foi dirigida pelo professor João Penteadó, um anarquista influenciado pelas idéias de Kropotkin e admirador de Ferrer y Guardia. Assim, podemos afirmar que a primeira experiência de pedagogia libertária nasceu dessas duas matrizes teóricas. Kropotkin era um anarquista

comunista, que defendeu um anarquismo construtivo, baseado no entendimento mútuo, repudia o Estado e acredita que um revolucionário deve unir e guiar os povos e não gerar uma revolução sangrenta e apocalíptica, quanto a educação propõe que ela deve unir teoria e prática, trabalho intelectual e manual.

Ferrer y Guardia, como vimos anteriormente propõe uma escola laica, que cultive o ensino racional libertário, possibilite a co-educação de sexos e classes sociais. Propunha uma escola que favorecesse o desenvolvimento harmonioso do indivíduo, possibilitando o conhecimento intelectual, físico, manual e profissional. A meta a ser atingida seria formar homens livres que também respeitassem a liberdade alheia.

A Escola Moderna nº 1 de São Paulo tornou-se uma espécie de paradigma da educação libertária. Em 1909, anarquistas e simpatizantes criaram o Comitê Organizador da Escola Moderna, ou seja, essa escola surge não apenas com o apoio dos anarquistas, mas também de pessoas que ansiavam mudanças educativas: socialistas, livres-pensadores, entre outros. Segundo Luizetto (1986, p.31), esse Comitê foi “encarregado pelos representantes de vários centros liberais e associações econômicas de expor ao público o programa da Escola Moderna, angariar fundos e explicar as bases do ensino racionalista”. Assim, a escola foi criada a partir de uma base social ampliada.

No periódico Terra Livre (1910) está a Exposição de Motivos que explicita os princípios que nortearam a proposta pedagógica da Escola Moderna: a) libertação da criança da moral baseada no misticismo religioso e na política vigente; b) desenvolver a inteligência e formar o caráter por meio da solidariedade; c) o professor devia divulgar as verdades adquiridas pelo estudo da história e da ciência; d) a escola deve tornar a criança um homem livre e completo. Segundo Luizetto (1986), a escola Moderna foi instalada em 13 de maio de 1912, na Rua Saldanha Marinho 66, no Belenzinho.

De acordo com o periódico A Plebe de 1917 (apud Luizetto, 1986, p.35-36), na Escola Moderna

“eram oferecidos três cursos: primário, médio e adiantado, no período diurno (das 11h 30m às 16h30m) e noturno (das 19h às 21h). O curso primário compunha-se das seguintes matérias: “Rudimentos de Português, Aritmética, Caligrafia e Desenho. O curso médio, de “Gramática, Aritmética, Geografia, Princípios de Ciência, Caligrafia e Desenho”. E o curso adiantado, de “Gramática, Aritmética, Geografia, Noções de Ciências Físicas e Naturais, História, Geometria, Caligrafia, Desenho, Datilografia”.

Para as meninas também era oferecido o curso de costura e bordado. No mesmo periódico a Escola Moderna divulgava que proporcionava um ensino teórico e prático dentro dos princípios da pedagogia moderna e uma educação moral orientada pelo racionalismo científico.

Apesar de apresentar uma grade de disciplinas que se assemelhava as demais escolas desse período. Essa escola seguia o modelo da Escola Moderna de Barcelona e pretendia educar com uma nova moral despida de preconceitos, praticando a crítica racional, questionando as instituições sociais que oprimiam o povo. A proposta educacional implantada pela Escola Moderna brasileira buscava “o respeito à liberdade, à individualidade, à expressão e ao pensar da criança” (Kassick, Neiva e Kassick, Clóvis, 2004, p.2), ou seja, reorganizar o fazer pedagógico.

A escola não podia prescindir do método racional e da co-educação de sexos e classes sociais. A insistência no método racional era no sentido de combater o ensino dogmático baseado em fundamentos religiosos professado nas escolas estatais e confessionais, assim como demonstrava o sucesso entre os livres-pensadores das possibilidades apresentadas pelo conhecimento científico, inclusive essas propostas podiam descambar para uma postura positivista de ensino. No entanto, Gallo nos alerta que (1992, p.20-21):

"apesar da importância dada a ciência, em Ferrer o racionalismo e o positivismo clássico aparecem de certo modo invertidos: a ciência só tem sentido se estiver a serviço do homem e não ao contrário; e a razão, embora seja o centro do conhecimento, é encarada apenas como uma das facetas do homem, formando um conjunto com as emoções, os desejos, etc. - um verdadeiro 'sacrilégio' para o racionalista clássico, que vê na razão a mestra única”.

Na verdade, a ênfase na proposta de educação racional era uma estratégia para combater os preceitos religiosos presentes na educação. Preconizavam também os métodos baseados na ação, não só no sentido de preparar para o trabalho como também na atuação de seus alunos em várias frentes de militância, como por exemplo: a imprensa. Existia um jornal, denominado O Início que era editado pelos alunos da escola Moderna nº 1.

Não podemos esquecer que havia uma forte vinculação entre a educação anarquista e a produção de periódicos, pois os anarquistas acreditavam que para efetivar uma mudança de mentalidade era preciso unir diferentes atividades culturais como: escolas, jornais,

centros culturais e outras atividades para conseguir transformar a sociedade. De acordo com Kassick (2004, p.3),

“na escola, os jornais operários serviam de suporte técnico para as salas de aula através de seus artigos, muitos deles contendo a tradução de textos de educadores anarquista estrangeiros. Deste modo, ao mesmo tempo que forneciam material para análise e estudo dos alunos, divulgavam as idéias anarquistas e as experiências pedagógicas libertárias desenvolvidas em outros países”.

Além disso, a leitura ou elaboração de artigos de jornais servia como um ótimo método pedagógico para refletir sobre problemas do cotidiano e também para sistematizar as idéias e organizar o pensamento. Não podemos deixar de lembrar que a meta final a ser atingida pela educação anarquista era a revolução social, pois os anarquistas pretendiam implantar um novo tipo de sociedade, sem hierarquia, uma sociedade ácrata, onde cada um seria responsável pela gestão, ou seja, a educação libertária precisa desenvolver uma consciência anárquica, que rejeitava qualquer relação autoritária, formando uma nova organização social – a autogestão. De acordo com Fábio Luz¹, “para derrubar o Estado, o governo e a propriedade, é necessário que cada um esteja em condições de dirigir-se por si. Do contrário, cairemos no domínio dos mais audazes e mais espertos, dos guias, dos preparados” (Apud LUIZETTO, 1982:79).

Lembramos que as escolas com propostas libertárias propunham não apenas ensino formal para as crianças, elas também forneciam para os adultos ensino profissional e algumas tinham Centros de Cultura Social, que realizavam palestras e conferências. Essas escolas exercitavam um fazer pedagógico importante para a classe operária, no sentido de construção de uma nova mentalidade.

As escolas com proposta libertária começaram a proliferar, apesar das dificuldades financeiras e legais. Além da Escola Moderna nº 1, há uma referência na revista A Vida, de março de 1915, sobre a criação, em São Paulo, de uma outra escola racionalista libertária, denominada Escola Nova:

“Escola Nova

Acaba de instalar-se em São Paulo, à rua Alegria, 26 (sobrado), um instituto de instrução e educação, para meninos e meninas, e que se serve dos metodos racionaes e cientificos da pedagogia moderna.

As materias de ensino são ministradas em três cursos especiaes, primario, medio e superior.

Curso primario: portuguez, aritmetica, geografia, botanica, zoologia, caligrafia e desenho.

Curso medio: portuguez, aritmetica, geografia, mineralogia, botanica, zoologia, fisica, quimica, geometria, historia universal, caligrafia, desenho.

Curso superior: aritmetica, algebra, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica historia universal, geologia, astronomia, desenho, portuguez, italiano, espanhol, etc.

Os cursos primario e medio acham-se a cargo dos educacionistas Florentino de Carvalho e Antonio Soares.

O curso superior acha-se sob a direção de intelectuais de reconhecida competência, figurando entre eles o professor Saturnino Barbosa, Drs. Roberto Feijó, Passos Cunha, A. de Almeida Rego, Alfredo Júnior, os quaes lecionam materias de sua respectiva especialidade.

Como se vê, a Escola Nova é uma bela iniciativa, que merece todo o apoio dos amigos da educação racionalista.” (A Vida, 1915, p. 79-80).

Essas experiências demonstram como os educadores anarquistas brasileiros, inspirados principalmente no racionalismo libertário de Ferrer y Guardia, travaram uma luta constante para construir uma sociedade mais justa, por meio dos caminhos pedagógicos. Acreditavam que a educação era um caminho importante, porque ela pode iniciar a instauração de um processo que possibilita a reflexão sobre as desigualdades sociais e econômicas. Ferrer y Guardia defendeu com ardor a coeducação das classes, porque se a educação continuasse a ser oferecida separadamente às diferentes classes sociais, perpetuaria uma sociedade dual, baseada na exploração entre as classes sociais. Ele partia do princípio que os homens nascem iguais e, por isso, deveriam ter os mesmos direitos, “a convivência entre pobres e ricos, quando ainda criança, possibilitaria superar as discriminações sociais e evitar o problema de ódio entre as classes” (Kassick, Neiva e Kassick, Clóvis, 2004, p.5-6).

Muitos consideram a proposta educacional anarquista utópica, mas ela parte de um fundamento que realmente pensa numa mudança profunda e radical da sociedade, com a finalidade de atingir a igualdade e solidariedade entre todos. A educação em novas bases seria realmente para todos. Essa estratégia faz parte da maneira como os anarquistas pensam a revolução social, pois acreditam que a educação das crianças, jovens e adultos desenvolvida nas escolas, nos Centros Culturais, pelos Jornais, nas Conferências ou em outras atividades era um meio importante na caminhada para a revolução social. Acreditavam que uma mudança profunda não se efetivaria apenas com uma revolução política, pois se assim fosse, a classe dominada tomaria o poder e acabaria agindo da mesma maneira que a classe que detinha o poder anteriormente; a transformação social dependeria de uma mudança profunda de valores, nesse sentido a

educação seria imprescindível. Lembramos que a educação anarquista não se efetivava apenas nos espaços formais, mas principalmente nos espaços informais.

Considerações Finais

Os anarquistas, no início do século XX, realizaram uma crítica importante a educação tradicional. Mostraram com clareza o caráter ideológico da educação, assim como também destacaram a importância estratégica da educação para um movimento que pretende revolucionar a sociedade. Acreditavam que por meio da educação poderiam instaurar um processo de reversão dos valores vigentes. A liberdade tomada como meio e fim norteou essa proposta, mas uma liberdade que deve ser construída socialmente. A pedagogia libertária propôs a criação de um novo tipo de consenso social, no qual todos os homens participariam e seriam atores desse processo.

Aqueles que defendiam a proposta educacional libertária tinham como meta a construção de uma instituição escolar diferente, à margem do Estado capitalista, propunham uma sociedade edificada sob os princípios da solidariedade e da liberdade. Esta é uma proposta pedagógica arrojada que, até hoje, é um grande desafio, porque lida com as bases efetivas de um pensar democrático e participativo.

De acordo com Gallo (1996, p.3),

“se há um lugar e um sentido para uma escola anarquista hoje, esse é o do enfrentamento; uma pedagogia libertária de fato é incompatível com a estrutura do Estado e da sociedade capitalista. Marx já mostrou que uma sociedade só se transforma quando o modo de produção que a sustenta já esgotou todas as suas possibilidades; Deleuze e Guattari mostraram, por outro lado, que o capitalismo apresenta uma "elasticidade", uma capacidade de alargar seu limite de possibilidades. É certo, porém, que sua *constante de elasticidade* não é infinita: para uma escola anarquista hoje trata-se, portanto, de testar essa elasticidade, tensionando-a permanentemente, buscando os pontos de ruptura que possibilitariam a emergência do novo, através do desenvolvimento de consciências e atos que busquem escapar aos limites do capitalismo”.

Por isso, é bastante pertinente hoje retomarmos a reflexão sobre a proposta educacional anarquista, no sentido de construirmos novos paradigmas para pensar a educação contemporânea brasileira.

ⁱ Fábio Luz (1864-1938) - formou-se em medicina, em 1888, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Participou da fundação da Universidade Popular de Ensino Livre, em 1904, onde foi professor da cadeira de higiene.

BIBLIOGRAFIA

BOLETIM DA ESCOLA MODERNA- Suplemento sobre a obra de Ferrer y Guardia. FAC SIMILE, Co-edição: Centro de Memória Sindical e Arquivo do Estado de São Paulo, 1991.
DIAZ, Blasco. **Francisco Ferrer e a semana trágica de Barcelona**. Lisboa: Edição Casa Alfredo David, 1914.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. **L'École Renové**, n° 1, Bruxelas, 15 de abril de 1908.
GALLO, Sílvio. **O Paradigma Anarquista em Educação**. Nuances - Revista do Curso de Pedagogia, Presidente Prudente: FCT UNESP, n° 2, 1996.

_____. **Pedagogia do Risco: experiências anarquistas em educação**.

Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Educação e Liberdade: a experiência da Escola Moderna de Barcelona**. In: PRO-POSIÇÕES, Revista quadrimestral da Faculdade de Educação da UNICAMP, vol. 3, n° 3 (9), dez. 1992 (p. 14 - 23).

GHIRALDELLI JÚNIOR. Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

KASSICK, Neiva Beron. & KASSICK, Clovis N. **A Contribuição do Pensamento Pedagógico Libertário para a História da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

LUIZETTO, Flávio. **Cultura e Educação Libertária no Brasil no início do século XX**. In: Educação & Sociedade, UNICAMP, Campinas: São Paulo, ano IV, 12 de setembro de 1982.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. **Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios libertário e educacional**. Tese de Doutorado. USP, São Carlos, 1984.

LUIZETTO, Flávio Venâncio. O movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da escola moderna (1912-1919). In: **Educação & Sociedade**, UNICAMP, Campinas: São Paulo, 24 de agosto de 1986.

PENTEADO, João. As escolas e sua influência social – o ensino oficial e o ensino racionalista. **A Vida**. Rio de Janeiro, vol. 1, dez. 1914.

PINHO, Adelino de. A escola - prelúdio da caserna. **A Vida**. Rio de Janeiro, mar. 1915.

RODRIGUES, Edgar. **Os libertários: idéias e experiências anarquistas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

RODRIGUES, Edgar. **O anarquismo na escola, no teatro, na poesia**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda, 1992.

TRAGTEMBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Cortez:Autores Associados, 1982.

VIDA (A). Rio de Janeiro, n° 5, 31 de janeiro de 1915.